



FEMINILIDADES E ESPORTE: NARRATIVAS DE ATLETAS DA POTENCIALIZAÇÃO MUSCULAR

Angelita Alice Jaeger¹

No contexto das práticas corporais e esportivas muitas mulheres ousaram escapar aos limites que as impediam de lançar-se ao mundo esportivo. Suas desobediências abriram brechas para que as mulheres atletas chegassem aos Jogos Olímpicos do século XXI em número igualitário ao de homens atletas. Todavia, ainda há inúmeros espaços, posições e modalidades a serem ocupados por elas no campo esportivo. Entre as muitas lutas empunhadas pelas mulheres no esporte, uma delas chama a atenção em função das marcas que inscreve nos corpos femininos, refiro-me ao território da potencialização muscular e, especificamente, ao campo esportivo do fisiculturismo.

A espetacularização e a disseminação do culto ao músculo atravessam diferentes classes sociais, idades, raças, sexos e culturas e diante das exigências contemporâneas, o músculo trabalhado, tonificado e volumoso assume uma posição central na construção de corpos cada vez mais elaborados e hipertrofiados. O investimento na potencialização muscular é denunciado em corpos cada vez mais expostos: roupas justas e/ou curtas, fabricadas em tecidos leves e/ou colados ao corpo, promovem a visibilidade dos contornos meticulosamente fabricados. Todavia, a potencialização muscular não é uma inscrição unânime ou mesmo isenta de interrogações e/ou receios. Dúvidas e inquietações emergiram e ainda despontam, principalmente, quando a musculação e/ou o fisiculturismo² são praticados pelas mulheres. Preocupações em relação à possibilidade de extrapolação do volume muscular são mencionadas em livros, artigos e na fala de mulheres e de homens. Por vezes, a potencialização muscular assume tons proibitivos, no mínimo receosos, quando as mulheres desconfiam que a sua feminilidade possa produzir representações duvidosas e ser colocada em questão.

Ao construírem corpos que em função do volume muscular capturam e desassossegam os olhares, as mulheres atletas de fisiculturismo são chamadas a investir em atributos que busquem garantir aquilo que os seus audaciosos corpos teimam em desestabilizar, ou seja, esses corpos volumosos desacomodam a feminilidade normalizada e apontam para as feminilidades inscritas no

¹ Profa. Dra. do Centro de Educação Física e Desportos da Universidade Federal de Santa Maria.

² Musculação é definida como “a execução de movimentos biomecânicos localizados em segmentos musculares definidos com utilização de sobrecarga externa ou o peso do próprio corpo” (Dilmar Pinto Guedes, 2005, p. 08). O fisiculturismo é uma modalidade esportiva que se sustenta no volume, definição e na simetria muscular. A vertente feminina é constituída de quatro modalidades produzidas a partir de diferentes níveis de potencialização muscular, a saber: *physique*, *figure*, *fitness* e *toned figure*, assim denominadas pela Nabba/Brasil.



plural. Nesse emaranhado de representações, atributos, valores, normas e comportamentos, algumas questões emergem: Que feminilidades são produzidas no fisiculturismo? Que enunciados emergem desse campo esportivo? Como se posicionam as atletas acerca dessa questão?

Movida por essa indagação analisei as relações produzidas entre a potencialização muscular e as representações de feminilidades despontadas nas falas e nas imagens de mulheres atletas do fisiculturismo. Para perseguir os fios condutores que me permitiram entender essa temática, busquei sustentação teórica nos Estudos Feministas e de Gênero³ e nos Estudos Culturais⁴. Esses aportes assumem o caráter político de suas teorizações, permitindo-me destacar a multiplicidade dos corpos potencializados e rejeitar a fixidez dos rótulos muitas vezes colados aos corpos dessas mulheres. Esses saberes assumem a incerteza e a dúvida em suas produções, trabalhando com a provisoriedade e com o mutante, constituindo-se um desafio para todos aqueles/as que buscam pesquisar nessas perspectivas, e mais, apontam para a possibilidade de que cada estudo se constitua numa nova versão possível, com uma lógica própria, constituindo-se num modo ver e de olhar entre tantos outros possíveis.

A produção das fontes do estudo

As fontes de estudo foram produzidas considerando qualquer artefato cultural que pudesse dizer-me e indicar-me algo em torno do tema investigado. Esse modo de fazer pesquisa exigia considerar que os materiais dessa pesquisa, não estão aí dados e prontos para falar. Ao contrário, é preciso dialogar com as fontes, perguntar-lhes acerca do tema, enfim, fazê-las falar. Essa noção de produção de fontes para estudo, apóia-se em Silvana Goellner (2007, p.21), ao apontar “um documento, uma imagem, um artefato é uma fonte de pesquisa [...] porque alguém lhe conferiu voz”.

Com essa prerrogativa metodológica a incitar-me, produzi um trabalho minucioso e extenso, garimpando materiais oriundos de diferentes lugares que pudessem colaborar com a intenção do estudo e, tal qual uma detetive, saí em busca de pistas, pegadas, vestígios e sinais para produzir o material empírico. Comecei as buscas a partir de *sites*, onde colhi materiais valiosos compostos por

³ Vale destacar que tanto os Estudos Feministas quanto os Estudos de Gênero produziram diferentes modos de pensar e analisar as relações constituídas entre homens e mulheres em sociedade. Não há um pensamento uníssono, uma vez que ambos lidam com a pluralidade e a dinamicidade em suas produções, aprendendo a lidar com as incertezas e os questionamentos que emergem dos próprios campos (LOURO, 2002).

⁴ Os Estudos Culturais tem buscado investigar as particularidades do contexto cultural, concebido enquanto um campo de lutas em torno da significação social, preocupam-se menos com definições unificadores e mais com os processos de produção cultural. Também se caracterizam por se oporem aos campos disciplinares, assumindo características interdisciplinares e transdisciplinares, buscando tencionar a primeira em relação às últimas (SILVA, 2004).



textos e imagens que abriram inúmeros caminhos ao longo do trabalho. Identifiquei revistas que abordam temáticas relacionadas a potencialização muscular e a disseminação da prática da musculação. Por fim, entrevistei uma atleta brasileira que compete na modalidade *figure* e assisti a campeonatos amadores de fisiculturismo promovidos no Rio Grande do Sul. Nessa busca encontrei textos, reportagens, imagens, entrevistas, visibilidades, pesquisas e relatos, constituindo as fontes de pesquisa sobre as quais me debrucei.

Mergulhar nesses documentos, dialogar com as diferentes fontes e apoios teóricos, elaborar diferentes combinações, fazer aproximações, reorganizar o material até a exaustão, constituiu-se num instigante trabalho de pesquisa e organização. Observando as afirmações, as insistências e as dissonâncias despontadas no campo discursivo do fisiculturismo, produzi um conjunto de enunciados acerca da potencialização muscular feminina e a produção de suas feminilidades.

Volume muscular e produção de feminilidades

O fisiculturismo, como prática esportiva, constitui-se como um espaço generificado e, ao mesmo tempo, generificador de discursos, práticas e representações que posicionam, classificam e nomeiam os sujeitos atletas mulheres e homens. Bolin (2001) menciona que, desde a emergência dos primeiros campeonatos de fisiculturismo feminino na década de 1970, as mulheres atletas já viviam dilemas que envolviam a tonificação da potencialização muscular e a produção de uma dada feminilidade, sendo constantemente assombradas pelo perigo da masculinização, que ameaçava as representações e as posições de sujeito que ocupavam os seus corpos potencializados, tanto no esporte quanto fora dele.

Em diferentes momentos da cena esportiva, as mulheres fisiculturistas posicionavam-se a favor da potencialização dos seus corpos, ao mesmo tempo em que defendiam sua feminilidade. Lisa Lyon afirmou em 1979 que: “a mulher pode ser forte, musculosa e ao mesmo tempo feminina”. Tal discussão ainda se mantinha pulsante em 1998, quando a Ms. Olympia Kim Chizevsky declarou: “as pessoas precisam começar mudando suas visões sobre a mulher fisiculturista. Nós somos mulheres musculosas, mas nós também somos bonitas mulheres femininas” (BOLIN, 2001, p. 149). Essa discussão acalorada não ficou restrita ao século passado, sendo renovada com outras tintas e novos tons quando Bill Dobbins apontou, em um dos seus artigos, que o fisiculturismo enunciava outros modos de representar o que era “atraente, sexy e feminino nos corpos das mulheres” (2004, p. 01). Dizia ainda que a grande maioria das pessoas não percebia essas transformações culturais porque essas representações marcavam somente a elite do fisiculturismo



feminino moderno. No entanto, no final daquele ano, adveio da instituição que estrutura o fisiculturismo mundial uma declaração endereçada às atletas de *physique, figure e fitness*, exigindo que elas diminuíssem seu volume muscular – duro golpe para aqueles que, como Dobbins, cultivavam a ideia de que essas mulheres poderiam alargar de modo ilimitado as representações construídas acerca de seus corpos e de suas feminilidades no esporte.

Esse feixe de enunciados sugere que as atletas de fisiculturismo colocavam em dúvida uma “imagem ideal de ser mulher”, ao mesmo tempo em que “pareciam desestabilizar um terreno criado e mantido sob o domínio masculino e cuja justificativa assentada na biologia do corpo e do sexo deveria atestar a superioridade deles [homens] em relação a elas” (GOELLNER, 2004, p. 363). Os volumosos corpos de algumas dessas mulheres desassossegavam representações dominantess de feminilidade. Dessas tensas relações, desponta a recusa e a interdição à potencialização muscular feminina ilimitada.

A partir de 2005, as atletas são convocadas a fazer sobressair, afirmar e reafirmar em seus corpos os códigos convencionais de uma dada feminilidade. Ameaçadas de perderem pontos em suas disputas se não inscrevessem a pretensa verdade indubitável do seu sexo nos seus corpos, as atletas são coagidas a enfraquecer o volume muscular. Nesse processo, potencializam a definição dos contornos de cada músculo e, sobretudo, investem no requinte da toailete para a exibição pública, que a cada ano se produz mais sofisticada e abrangente. Isso porque os cuidados meticulosos com a aparência atingem todas as modalidades femininas do fisiculturismo e também porque tenho observado que, paulatinamente, as atletas se esmeram mais e mais para apagar a ambiguidade dos seus corpos, acentuando os atributos que constituem uma feminilidade normalizada. Se, naquela época, a determinação da IFBB constituía-se aqui no Brasil como um horizonte distante, nos Estados Unidos, ela já estava em plena ação, visto que as atletas não se preocupavam somente com a potencialização muscular em suas disputas. Elas também reservavam espaços para que cabeleireiros e maquiadores acentuassem na sua exterioridade os traços, as cores e as características de uma dada feminilidade, discursivamente construída a partir das representações dominantes que indicam como se apresenta uma “verdadeira mulher”.

Esses investimentos possuem uma íntima relação com os lugares ocupados pelos sujeitos em sociedade, uma vez que, ao longo do tempo, homens e mulheres vêm sendo classificados, nomeados e definidos pela “aparência dos seus corpos; a partir de padrões e referências, das normas, valores e ideais da cultura” (LOURO, 2004, p. 75). Atendendo às exigências e ameaças da instituição



esportiva, com o tempo, as atletas vêm intensificando a incorporação de uma representação padronizada e pretensamente segura de sua feminilidade e acoplando-lhe novos detalhes.

A feminilidade que emerge como fonte de representação que interpela e captura com mais ou menos intensidade as mulheres fisiculturistas é aquela que se posiciona e é posicionada como a referente em nossa cultura. É a que aparece circulando em múltiplos artefatos culturais, cujas imagens produzem modos de ser e parecer, indicando que as normas de feminilidade emergem cada vez mais intrincadas com a superfície daquilo que parece ser feminino. Em outras palavras, “julga-se o quão feminina é uma mulher também pela exterioridade do seu corpo” (GOELLNER, 2003, p.123).

Nesse sentido, nada mais convencional do que valer-se de uma toailete cada vez mais requintada, investindo na cosmetologia do corpo – com atenção especial à maquiagem da face e à tonalização da pele do corpo –, na preparação dos cabelos, nos trajes e demais adereços. Também na composição da exibição, principalmente, na coreografia individual, acentua-se cada vez mais a sensualidade e a beleza das mulheres. Esse conjunto de investimentos sugere uma tentativa de produzir uma hiperfeminilidade normalizada das atletas. Entretanto, não estou afirmando que todas as atletas reagem e aderem do mesmo modo a essas práticas e intervenções. Insisto que esse enunciado atravessa a constituição da exibição dos corpos no fisiculturismo, posicionando as atletas na hierarquia esportiva, interpelando-as e fazendo com que algumas delas incorporem e extravasem completamente essas referências, que outras as assumam em parte e que ainda outras as ignorem. Em suma, essas distintas adesões possibilitam-me apontar que há múltiplas feminilidades produzidas no fisiculturismo, mas sugiro que muitas atletas têm aderido à cosmetologização dos seus corpos, meticulosamente preparando sua apresentação pública.

Esses cuidados extremados com a aparência parecem, muitas vezes, dissonantes de uma situação esportiva em que o volume, a definição e a simetria corporal são pontuados. Além disso, a beleza facial não se constitui num requisito, embora possa partilhar da avaliação geral da atleta. Examinando esse peculiar contexto esportivo, penso que, em muitas competições, cada vez conta menos a potencialização muscular e mais se avalia a reafirmação das representações da feminilidade normalizada, pois essas estratégias estão naturalizadas como constituintes do universo feminino.

Goellner (2006, p. 02) aponta que as mulheres muitas vezes são estimuladas a participar do “espetáculo esportivo, desde que não deixem de lado a beleza e a graciosidade, atributos colados a uma suposta ‘essência feminina’”. No caso do fisiculturismo feminino, esses atributos assumem



uma dimensão ainda não vista em outras modalidades esportivas, e acentuá-los constituiu-se parte da produção dos corpos para fazerem o espetáculo. As análises que produzi apontam que está em processo de constituição um novo centro, cujo foco mistura a potencialização muscular e a hiperfeminilidade normalizada, produzida em meio a músculos, maquiagem, cabelos arrumados, corpos cuidadosamente tonalizados e unhas pintadas. Assim, é possível dizer que, quanto mais os corpos femininos potencializados saem do centro e da referência, movimentando-se para as margens, mais intensos e amplos são os investimentos no sentido de remetê-los novamente ao centro.

Além de todos os investimentos mencionados, outros elementos, como joias ou bijuterias e a pedraria dos trajes, estão cada vez mais acentuados em tamanho e número na produção das atletas. São adereços para os cabelos, orelhas, punhos e dedos e, além desses enfeites, muitas delas ainda utilizam cordões, gargantilhas, *piercing*, braceletes e tornozeleiras. Esse conjunto de adereços está ganhando cada vez mais atenção na minuciosa escolha da composição da aparência das atletas, destacando-se nos seus corpos. Se o músculo pode produzir dúvidas acerca do sexo, pois são os sinais exteriores que identificam os sujeitos, nada mais produtivo do que insistir e acentuar os outros componentes da aparência, uma vez que “o gênero adquire vida através das roupas que cobrem o corpo, dos gestos, dos olhares, de uma estilística corporal e estética definida como apropriada” (Bento, 2003, p. 03).

Ao potencializarem ao máximo os seus músculos, algumas mulheres infringem as normas e, nessa lógica, produzem-se como sujeitos desviantes, cujos corpos volumosos perturbam e ameaçam as representações de feminilidade que estão no centro da cultura e também do próprio fisiculturismo. Quando outras feminilidades passam a ser admitidas e posicionadas como sujeitos, mais do que colocar em suspeição a representação primeira, produz-se uma mobilização que desacomoda todo um sistema de valores, e “o que passa a ser questionado é toda uma noção de cultura, ciência, arte, ética, estética, educação, que, associada a esta identidade, vem usufruindo, ao longo dos tempos, de um modo praticamente inabalável, a posição privilegiada em torno da qual tudo gravita” (LOURO, 2003, p. 42).

Estas últimas palavras indicam que os discursos que enunciam a normalização dos corpos das mulheres são recrutados para abrandar a ameaça da anormalização desses mesmos corpos quando muscularmente potencializados; como efeito, espera-se evitar o perigo de uma suposta masculinização e das dúvidas sobre suas identidades. Tal perigo toma forma e amedronta quando assumimos representações de feminilidade uníssona e produzida a partir de uma suposta essência



feminina, vinculada ao determinismo biológico inscrito na anatomia dos corpos. Contudo, importa destacar que, apesar de os discursos e práticas colocarem o volume muscular feminino sob constante suspeição, tanto no próprio esporte quanto fora dele, ainda assim, as mulheres ousaram borrar as fronteiras da muscularidade, indicando o quão elásticas são as construções dos seus limites.

Ao analisar a construção das diferentes feminilidades que o fisiculturismo produziu em sua recente história, percebo que está em curso uma tentativa de atenuar a potencialização muscular feminina, produzindo corpos ajustados aos discursos e representações que assumem o músculo num corpo de mulher, desde que ele seja comedido, e mais, que o seu invólucro chame mais atenção do que ele. Isso significa dizer que a preparação dos cabelos, a maquiagem, os cuidados com as unhas, o tom da pele, os trajes em cores e os bordados destacados, os brincos, os anéis, as pulseiras, os saltos altos e os gestos precisam sobressair-se ao músculo; no mínimo, precisam deixar esses corpos marcados pelo uso excessivo de artifícios que sugerem a construção de uma hiperfeminilidade normalizada.

Finalmente, argumento, junto com Bolin (2001, p. 144), que as atletas da potencialização muscular desmontam as justificativas biologicistas que ancoravam as diferenças entre homens e mulheres. Sobretudo, concordo que as arquiteturas corporais das atletas se constituem numa “declaração de rebelião contra essa visão e contribuem para alargar a redefinição de masculinidade e feminilidade corrente em sociedade”. Desde essa afirmativa, aponto que a potencialização muscular feminina produz o alargamento das representações de feminilidade e masculinidade produzidas em sociedade, exigindo considerá-las em sua pluralidade. Outra questão incisiva apóia-se na desconstrução da visão dominante de feminilidade, produzida por esses audaciosos corpos os quais sugerem a multiplicidade de possibilidades de ser mulher, rompendo com a vinculação do músculo como um atributo exclusivo da masculinidade, uma vez que as fisiculturistas desestabilizam essa idéia ao colocar o músculo em cena num corpo de mulher. Todavia, o volume muscular feminino ilimitado ainda é representado com restrições nas falas das atletas. Em síntese, as narrativas produzidas acerca da potencialização muscular feminina parecem indicar que essa acalorada discussão é constantemente alimentada no interior do campo esportivo e não deixa de vazar para as outras instâncias sociais.



Referências bibliográficas

- BENTO, Berenice. Transexuais, corpos e próteses. In: Labrys: *Estudos Feministas*, n. 4, ago/dez 2003. Disponível em: < www.unb.br/ih/his/gefem/labrys4/textos/berenice1.htm > capturado em 20/12/2005.
- BOLIN, Anne. Bodybuilding. IN: CHRISTENSEN, K.; GUTTMANN, A.; PFISTER, G. (Org.). *International encyclopedia of women and sports*. v. 1, New York: Macmillan Reference, 2001.
- Dobbins, Bill. *Women's Bodybuilding: A revolution in progress*. Disponível em: < <http://www.bodybuilding.com/fun/billdobbins8.htm> > Postado em 08/04/2004. Capturado em 20/05/2005.
- ESTEVÃO, Adriana. *A política no corpo: mulheres fisiculturistas, corpos hiperbólicos*. Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2005. 208f.
- GOELLNER, Silvana. Mulheres, memórias e histórias: reflexões sobre o fazer historiográfico. In: GOELLNER, Silvana V.; JAEGER, A.A. *Garimpando memórias: esporte, educação física, lazer e dança*. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2007.
- _____. Entre o sexo, a beleza e a saúde: o esporte e a cultura fitness. In: *Revista de Estudos Feministas*, dezembro de 2006.
- _____. Mulher e esporte no Brasil: fragmentos de uma história generificada. In: SIMÕES, A. C. ; KNIJNIK, J. D. (Orgs.). *O mundo psicossocial da mulher no esporte: Comportamento, gênero, desempenho*. São Paulo: Aleph, 2004.
- _____. *Bela, Maternal e Feminina: imagens da mulher na Revista Educação Physica*. Ijuí: Ed. UNIJUÍ, 2003.
- _____. FRAGA, Alex. A inominável Sandwina e as obreiras da vida: silêncios e incentivos na sobras inaugurais de Fernando de Azevedo. In: *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*. Campinas, v.25, nº 2, Jan, 2004.
- JAEGER, Angelita Alice. *Mulheres atletas da potencialização muscular e a construção de arquiteturas corporais no fisiculturismo*. Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2009. 237f.
- _____. *Quando o músculo entra em cena: fragmentos históricos da potencialização muscular feminina*. In: GOELLNER, S. V.; JAEGER, A. A. (Orgs.) *Garimpando memórias: esporte, educação física, lazer e dança*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007.
- LOURO, Guacira. *Gênero, sexualidade e educação: Uma perspectiva pós-estruturalista*. Petrópolis: Editora Vozes, 2004.
- _____. Currículo, gênero e sexualidade: o “normal”, o “diferente” e o “excêntrico”. In: LOURO, G.; NECKEL, J. e GOELLNER, S. V. (Orgs.). *Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação*. Petrópolis: Vozes, 2003.



_____. Epistemologia feminista e teorização social – desafios, subversões e alianças. In: Coletânea Gênero Plural. ADELMAN, M; SILVESTRIN, B. (Orgas). Curitiba: Ed. UFPR, 2002.